

Bacon e Condorcet: o conhecimento à serviço do bem comum •

Evaldo Becker ••

Resumo

Nosso objetivo nesse artigo, é examinar nas filosofias de Bacon e Condorcet, o papel atribuído pelos autores ao conhecimento humano e às transformações que estes devem desencadear em nossa vida em sociedade. Para tanto examinaremos alguns dos principais textos dos autores em tela, bem como, a recepção crítica dos mesmos.

Palavras-chave

Bacon, Condorcet, conhecimento, bem comum.

Nosso intuito nesse artigo, é examinar nas filosofias de Bacon e Condorcet, o papel atribuído pelos autores ao conhecimento humano e às transformações que estes devem desencadear em nossa vida em sociedade. Cabe ressaltar aqui, desde o início, que ambos os autores, preocupados que estavam com a ampliação dos saberes humanos, jamais deixaram de preocupar-se com os resultados éticos dos conhecimentos produzidos. Embora movidos pelo otimismo com relação ao progresso da ciência, nunca esqueceram o fato de que esta deve ser conduzida tendo em vista a publicização de seus resultados e a partilha de seus frutos por toda a humanidade e não apenas por parcelas

• O presente artigo foi desenvolvido no quadro das pesquisas realizadas no seio do projeto “Rousseau e as Relações Internacionais na Modernidade”, financiado pela FAPITEC/SE e pelo CNPq.

•• Professor de Ética e Filosofia Política do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe e dos Programas de Mestrado em Filosofia e em Desenvolvimento e Meio Ambiente da mesma Universidade.

restritas da mesma. A escolha dos autores em questão, deve-se ao fato de que ambos nos foram apresentados pela professora Maria das Graças de Souza, à quem rendemos aqui, nossa homenagem.

Francis Bacon geralmente é lembrado em função de algumas passagens do seu *Novum Organum*, nas quais expressa aquele que pode ser considerado como um dos grandes lemas do homem moderno, qual seja: “saber é poder”. Em seu entender, caberia ao homem, “enquanto ministro e intérprete da natureza”, empreender a vitória sobre ela através da ação (BACON, 1979, p.8). Frases como estas, aliadas à sua disposição de “estender os limites do poder ou da grandeza do homem e tornar mais sólidos os seus fundamentos” (BACON, 1979, p.76); após todos os abusos cometidos em nome do conhecimento e da ciência, fizeram com que atribuíssemos à Bacon a paternidade de uma série de equívocos e descaminhos trilhados em nossa trajetória civilizacional moderna. A ele também é atribuída a imagem do dominador desrespeitoso ou mesmo do torturador da natureza. Boa parte dos argumentos antimodernos e contra a técnica é dirigida à Bacon¹. Tal atribuição de culpa, em nosso entender, além de injusta é simplificadora e estupidificante.

Sigamos aqui o conselho da professora Maria das Graças, que sugere que “evitemos permanecer na superfície” da filosofia de Bacon, atendo-nos apenas à algumas passagens isoladas. Segundo ela, para conhecermos melhor a filosofia da natureza em Bacon, “é preciso recorrer a outros textos, menos conhecidos” tais como, por exemplo: *A sabedoria dos antigos*.²

A preocupação de Bacon com a produção, mas também com o bom uso dos conhecimentos humanos, bem como com o respeito à natureza, é evidenciada em muitas de suas obras, tais como n^o *O progresso do conhecimento humano*, no *Novum Organum*, na *Nova Atlântida* e n^o *A Sabedoria dos antigos*.

Começemos pois, com uma citação desta última, presente no mito de *Erichtônio*, um dos trinta e um mitos antigos analisados e interpretados por Bacon, à luz dos conhecimentos produzidos no prenúncio da modernidade:

¹ Exemplo clássico desta postura é apresentado por Hans Jonas no livro *Princípio Responsabilidade*, onde o autor critica ‘o ideal baconiano’ por sua ‘insuficiência’ e pelo ‘descontrole sobre si mesmo’. Ver: (JONAS, 2006, p. 236 e seguintes). Sobre a recepção dos textos baconianos, sobretudo no que concerne à questões ambientais ver: HORA, José Sandro Santos. **A ‘Natureza’ em bacon e a recepção da sua filosofia nas discussões ambientais**. Porto Alegre: Redes Editora: 2015.

² Cf. (SOUZA, 2010, p. 18)

Contam os poetas que Vulcano, no ardor do desejo, tentou forçar a pudicícia de Minerva. Na luta que se seguiu, sua semente derramou-se pelo chão e dela nasceu Ericção, homem bem conformado e belo no torso, mas com coxas e pernas finas e disformes, parecidas a enguias. Cômico dessa deformidade, inventou o carro, com o qual podia exibir a parte bonita do corpo e esconder a feia. (BACON, 2002, p. 65).

A passagem citada, escrita em linguagem alegórica, é interpretada por Bacon em alusão aos perigos da monstruosidade que pode resultar de uma postura passional e apressada da ciência (representada na figura de Vulcano, que faz uso do fogo), quando tenta de forma violenta submeter a natureza (representada por Minerva, dada a sabedoria e harmonia de suas obras) à sua vontade. Mostra também, a tentativa sempre presente, de esconder através do disfarce e de táticas cosméticas, o lado obscuro e monstruoso da ciência; que se fosse claramente posto a descoberto evidenciaria o preço que se paga quando nos apressamos em forçar a natureza a servir às nossas volúveis paixões.

O filósofo inglês, ressalta em sua análise do mito de Ericção, que a tentativa apressada e violenta de submeter a natureza às nossas paixões “raramente alcança seu objetivo” e que de tais tentativas, geralmente resultam “nascimentos imperfeitos e obras estropiadas, curiosas no aspecto, mas frágeis e impróprias para o uso” (BACON, 2002, p. 65-66). Bacon insiste que tais coisas, que poderíamos designar como “abortos” ocorrem geralmente nas “produções químicas ou nas novidades mecânicas” quando os homens se tornam obcecados demais por seus projetos e “lutam com a natureza” ao invés de lhe tributarem a “devida observância e atenção” (BACON, 2002, p. 88).

O mito de *Ericção* não é o único no qual Bacon expressa uma profunda preocupação em relação aos perigos das artes humanas, e de seu potencial nefasto. Também ao analisar o mito de *Dédalo*, o autor elogiava a perspicácia dos antigos, que “viram a industriabilidade e a habilidade mecânica, juntamente com seus artifícios desonestos e suas aplicações pervertidas” (BACON, 2002, p. 63). Os antigos teriam percebido que apesar de inúmeras coisas úteis provindas das ciências, da mesma fonte também proviriam “instrumentos de luxúria e de morte”, “venenos, armas de guerra e outros engenhos letais”. No entender do sábio inglês, os antigos já haviam percebido que as artes e os artifícios ilícitos teriam de ser controlados e em última instância perseguidos por Minos, ou seja: pelas leis. E que é preciso regular os usos dos engenhos e técnicas,

para que estes não saiam do controle, transformando-se em monstruosidades danosas aos povos.

Assim como em outras obras, n' *A sabedoria dos antigos*, nosso autor demonstra sobejamente sua preocupação, não só com a produção, mas também com o método e com o fim último dos conhecimentos humanos, que em seu entender, devem servir para o benefício do “inteiro gênero humano”.

No *Novum Organum*, Bacon crítica àqueles que buscam o conhecimento como forma de promoção pessoal, concede certa relevância àqueles que através do conhecimento almejam ampliar o poder de sua pátria, mas louva aquele que “se dispõe a instaurar e estender o poder e o domínio do gênero humano sobre o universo” e a sua “ambição” se é que assim pode ser chamada, dirá ele “seria a mais sábia e a mais nobre de todas” (BACON, N.O, 1979, p. 88).

É com vistas a este saber público, destinado ao benefício de todo o *gênero humano* e não mais apenas de um bruxo, uma seita ou uma pátria, que Bacon propõe que se implemente um método rigoroso e uma linguagem pública, clara e intersubjetiva.

Tal é o que se verifica também em sua fábula utópica, que infelizmente restou inacabada.³ Esta obra intitulada *Nova Atlântida*, apresenta uma comunidade imaginária, extremamente bem organizada e pacífica, na qual a ciência é conduzida por uma sociedade de cientistas chamada *Casa de Salomão*, dedicada ao “conhecimento das causas e dos segredos dos movimentos das coisas e a ampliação dos limites do império humano para a realização de todas as coisas que forem possíveis” (BACON, 1979a, p.262) Esta comunidade de cientistas conduz inúmeros experimentos que visam a ampliação do saber humano e o desenvolvimento de toda sorte de inventos que possam melhorar as condições de vida coletivas. Nesse sentido, Souza afirma que na utopia de Bacon “está manifesta a idéia do conhecimento como poder organizador da sociedade, da natureza cooperativa do esforço científico e da orientação das investigações tendo em vista a promoção do bem-estar de todos” (SOUZA, 2001, p. 41).

³ Aqui seria preciso retomar a tradição de interpretação e reinterpretação do antigo mito paltônico da Atlântida, descrito nos diálogos *Crítias* e *Timen*, dado que o mesmo é retomado por inúmeros autores, mas notadamente, por Bacon e por Condorcet, que nos interessam aqui. Contudo dada a falta de tempo nos contentaremos em dizer que o *Fragment sur l'Atlantide* de Condorcet possui uma evidente filiação ao texto inacabado da *Nova Atlântida* de Bacon. Para aqueles que se interessarem pela temática, nos contentaremos em indicar aqui o excelente texto de Pierre Vidal-Naquet, *Atlântida: pequena história de um mito platônico*, que apresenta as origens e desdobramentos desta instigante utopia ou história antiga.

O comentador Paulo Rossi em seu livro *Francis bacon, da magia à ciência*, afirma que “A ciência, assim como foi concebida por Bacon, deve abandonar o terreno da genialidade não controlada de um indivíduo, do acaso, do arbitrário, da síntese apressada” (ROSSI, 2006, p. 121).⁴Rossi nota que ao interpretar o antigo mito de Prometeu, Bacon encontrava mais uma vez, tal como já havia proposto no livro *o Progresso do conhecimento*, a maneira de reafirmar “a necessidade da pesquisa feita em colaboração como sendo essencial para o progresso da ciência” (2006, p. 98). Nesse sentido, há que se concordar mais uma vez com Rossi quando este afirma que:

A ciência, tem portanto, para Bacon, caráter público, democrático, colaborativo; é feita de contribuições individuais que visam um sucesso comum, *patrimônio de todos*. (...) A ciência não é, portanto, para Bacon, uma realidade cultural indiferente aos valores éticos. (ROSSI, 2006, p. 129, grifo nosso).

A partir da leitura dos textos de Bacon, percebemos que estamos sempre no limiar da ética. Se, como dizia Bacon, a técnica e “as artes mecânicas costumam servir ao mesmo tempo para a cura e a doença” cabe aos homens, e à política gerirem da melhor maneira o uso destas.

Assim como na análise dos mitos de *Eriçtônio* e de *Dédalo*, também na análise do mito da *Esfinge* compreendida por Bacon em analogia à Ciência,⁵ é realizada uma perspicaz análise dos perigos decorrentes dos conhecimentos científicos. Estes, quando estão sob o domínio das Musas, ou seja, enquanto frutos da meditação e da pesquisa, podem vagar livremente; o problema surge quando escapam das musas, e sob a forma das técnicas práticas podem assombrar a humanidade com sua crueldade. Então, a solução vislumbrada por Bacon, - que em seu entender os antigos perceberam bem - e que conseguiu acabar com a ameaça devoradora do monstro, dominando-o, foi a atitude vagarosa do intelecto, que reflete sobre os enigmas da técnica. A imagem da paciência e do vagar no trato com as aplicações práticas do conhecimento aparece também na figura

⁴ Cf. Rossi: “Bacon introduziu um conceito de grande importância que ficará no centro de sua obra de reforma do saber: na ciência podem-se alcançar resultados efetivos e consistentes apenas mediante uma sucessão de pesquisadores e um trabalho de colaboração entre os cientistas. Os métodos e os procedimentos das artes mecânicas, seu caráter de progressividade e intersubjetividade fornecem o modelo para a nova cultura” (ROSSI, 2006, p. 121).

⁵ Ao analisar o mito da Esfinge Bacon escreve: “Eis uma fábula bela e sábia, inventada aparentemente em alusão à Ciência, sobretudo quando esta é aplicada a vida prática. A Ciência, que deixa perplexos os ignorantes e inábeis, pode muito bem ser considerada um monstro.” (BACON, 2002, p. 89)

emblemática de Édipo, que venceu a perigosa Esfinge. Édipo era um “homem de saber e penetração” mas coxo, de passo lento; ou seja: só se vencem os perigos e ameaças da ciência prática através do vagar, da cautela e do raciocínio correto.

A pressa e o desejo de auferir lucro através das novas descobertas tende a fazer com que negligenciamos a prudência na aplicação e na partilha dos frutos dos saberes produzidos. Estes temas fizeram parte das preocupações desse filósofo singular, que propôs investimentos públicos em pesquisa, com vistas ao progresso dos conhecimentos humanos. Criticando o desperdício de dinheiro público com coisas inúteis, ele propunha que tais recursos fossem investidos em pesquisas que tivessem como objetivo a ampliação de nosso conhecimento acerca da natureza. Esta crítica, completamente atual, sobretudo em um país como o Brasil, merece ser retomada. Vejamos:

Se apenas uma pequena parcela desses recursos (que são desperdiçados) fosse canalizada para coisas mais sensatas e sólidas, não haveria dificuldade que não pudesse ser superada. Parece oportuno acrescentar isso porque reconhecemos com toda franqueza que uma coleção de história natural e experimental, tal como a concebemos e como deve ser, é uma empresa grandiosa e quase real (de realeza, pública), que requer muito trabalho e muitos gastos (BACON, 1979, p. 73).

A verdadeira filosofia natural, que é como eram designados os vários ramos do conhecimento sobre a natureza, tem como objetivo último o conhecimento dos corpos, dos remédios e das forças mecânicas. É verdade que Bacon afirma ser necessário através do engenho humano e das artes por ele criadas forçarmos a natureza a nos revelar seus segredos.⁶ E todas as comodidades da vida moderna só puderam ser inventadas e descobertas a partir desta lógica. O problema parece ser o fato de que alardeia-se sempre as passagens nas quais Bacon alude ao domínio e ao forçar a natureza, mas se esquece aquelas nas quais o autor coloca o homem como “ministro” e “intérprete” da natureza, ambos cargos subalternos; ou esta do *Novum Organum*, onde ele lembra que “não se domina a natureza senão obedecendo-lhe” (BACON: 1979, p. 88).⁷

⁶ Segundo o autor inglês: “os segredos da natureza melhor se revelam quando esta é submetida aos tormentos (vexationes) das artes que quando deixada no seu curso natural. Em vista disso, é de se esperar muito da filosofia natural quando a história natural – que é a sua base e fundamento – esteja melhor construída. Até que isto aconteça nada se pode esperar” (BACON, 1979, p. 66).

⁷ Gostaríamos de citar aqui a posição de nosso colega Sérgio Hugo Menna, especialista na filosofia de Bacon, que escreve: “O homem é servidor da natureza porque, não podendo modificar suas leis, só pode

Conforme, já aludimos em outro lugar⁸, é justamente em função do sucesso parcial que obtivemos sobre a natureza, e de nosso orgulho insano, que esquecemos outros conselhos que se mostram cada vez mais pertinentes. Quanto ao uso e aplicação das técnicas e instrumentos, quando desconhecemos sua lógica, seus efeitos de longo prazo, quando nos apressamos a colocá-los em prática, sem cautela, nos arriscamos a sermos devorados pela ‘Esfinge’. Também esquecemos amiúde, o caráter ético e público que devem estar atrelados aos conhecimentos. Nesse sentido há que se concordar mais uma vez com Rossi quando este afirma que “muitos mal entendidos sobre o pensamento de Bacon teriam sido evitados se tivesse sido observada a relevância que ele dava ao fator social, tanto na pesquisa, quanto no escopo do conhecimento” (ROSSI, 2006, p. 122).

O fato é que Bacon desencadeou transformações substanciais em nossa forma de lidar com a natureza, buscando desvendá-la e fazer com que o maior conhecimento da mesma pudesse propiciar melhorias efetivas em nossa vida coletiva. Esta ideia é ressaltada também por Dupas, que em seu *O mito do progresso*, afirma que: “Para Bacon, a grande renovação do conhecimento foi visar sua utilidade e a melhoria da vida humana. Em vez de sonhar com o passado, haveria que se acrescentar muito mais conhecimento no futuro. A sabedoria seria irmã do Tempo” (DUPAS, 2006, p. 39).⁹Bacon evidencia em seus escritos um grande otimismo com relação ao progresso dos conhecimentos, e apesar do reconhecimento dos antigos, considera a sua própria época como sendo mais evoluída, ideia que será reconhecida e aprofundada no período das luzes, tal como veremos à seguir.

Bacon foi lido e admirado pelas gerações que o sucederam e sobretudo pelos filósofos iluministas. Nesse cenário sua contribuição foi marcante e pode-se dizer que seu reconhecimento foi praticamente unânime, coisa rara de se ver no mundo filosófico.

obedecê-la, e é intérprete da natureza porque, devendo revelar suas leis, tem primeiro que conhecê-la para poder obedecê-la” (MENNA, 2011, p. 176).

⁸ Algumas análises e interpretações da obra de Bacon foram apresentadas por nós textos a seguir. Retomamos livremente aqui as ideias anteriormente analisadas, que foram aprofundadas e desenvolvidas. Ver: « Natureza X Sociedade : percursos e percalços de nossa trajetória científico-civilizacional » In : SANTOS, Antônio Carlos dos e BECKER, Evaldo (Orgs.) **Entre o homem e a natureza : abordagens teórico-metodológicas**. Porto Alegre : Redes Editora, 2012. E “Ensino de filosofia da ciência e a experiência do PIBIC-Jr daUFS. In: BECKER, E.; BALIEIRO, M; TOLLE, O. (Orgs.). **Filosofia no Ensino Médio: Filosofia da Ciência**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

⁹ Ainda conforme Dupas, a época de Bacon : “Era a época dos primeiros grandes saltos tecnológicos – imprensa, pólvora e bússola -, mudando o estado geral na literatura, na guerra e na navegação. Bacon deixou sugerida a proposta do *New Atlantis*, um colegiado de cientistas investigadores voltados a novas descobertas que pudessem alterar as condições de vida do ser humano. Nessa direção, surgiram a Royal Society em Londres (1600) e Academia de Ciências de Paris (1666).”(DUPAS, 2006, p.39)

Bacon foi lido e elogiado por Voltaire, Condillac, D’Alembert, Diderot, e Condorcet. Aliás, mesmo Rousseau, que já no seio da filosofia das luzes, expunha o caráter contraditório e perigoso do conhecimento; vê em Bacon um ilustre pensador. E, no *Discurso sobre as ciências e as artes*, obra na qual aponta os descaminhos e o mau uso dos conhecimentos, afirma ser Bacon “talvez o maior dos filósofos” (1997, p. 214).

Voltaire, o grande filósofo e polemista do iluminismo francês, tece grandes elogios ao filósofo inglês em suas *Cartas filosóficas*. Na décima primeira *Carta “Sobre o chanceler Bacon”*, após mencionar o *Novum Organum* como sendo “o andaime com o qual se construiu a nova filosofia” ele afirma ser Bacon o pai da Filosofia experimental” (VOLTAIRE, 2001, p. 85). Na sequência da *Carta* ele insiste sobre o fato de que “Ninguém antes do chanceler Bacon havia conhecido a filosofia experimental; e de todas as experiências físicas feitas depois dele, não há quase nenhuma que não esteja indicada em seu livro” (VOLTAIRE, 2001, p. 87).

Outro ilustre pensador das luzes francesas, Condillac, no *Essai sur l’origine des connaissances humaines*, faz o elogio do Chanceler Bacon ao mesmo tempo em que critica o sucesso da teoria cartesiana. Ao final deste excelente livro, Condillac afirma que ficara lisonjeado de encontrar nos textos de Bacon algumas das ideias que ele mesmo propunha. Condillac elogia ainda o método científico elaborado por Bacon, e se ressentia que o mesmo tenha sido preterido pelo método cartesiano. Isso teria ocorrido, em seu entender, pelo fato de que “Bacon propunha um método muito mais perfeito, para ser o autor de uma revolução” e que o método cartesiano triunfou porque deixava subsistir ainda uma parte dos erros com os quais os homens já estavam acostumados (CONDILLAC, 1998, p. 299).

Bacon não é apenas reconhecido nas obras individuais dos filósofos do período das *Luzes*. Ele é lembrado como uma espécie de patrono daquela que pode ser considerada a grande obra coletiva, representante máxima do ideal de esclarecimento, a *Encyclopédie*. Seguimos aqui as palavras da professora Maria das Graças, que após afirmar ser Bacon “uma referência constante nos textos dos filósofos do século XVIII francês”, escreve ainda:

Como se sabe, o quadro da classificação dos conhecimentos humanos da *Encyclopédie* é de inspiração baconiana. E D’Alembert, no Discurso preliminar, tece elogios ao esforço de Bacon para enumerar os diversos ramos da ciência e

estabelecer a necessidade da experimentação nas ciências naturais, e, enfim, ao fato de o filósofo chanceler considerar a ‘filosofia como a parte de nossos conhecimentos destinada a nos tornar melhores e mais felizes’ (SOUZA, 2001, p. 37).

Tal como sublinha Souza (2001) e conforme detalham os autores da coletânea *L’héritage baconien au XVIIe et au XVIIIe siècles*¹⁰, Bacon foi lido, e mesmo quando criticado, se mostra como uma fonte inspiradora indispensável para todos aqueles que fizeram da busca pelo conhecimento e pelo caráter libertador deste, um ideal a ser seguido e aprofundado.¹¹

Como podemos verificar, a herança baconiana repercutiu de forma significativa na obras dos principais pensadores das Luzes, e isso inclui aquele que foi considerado como sendo o “último dos filósofos” iluministas, o Marquês de Condorcet. Este, tanto no *Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano* quanto no *Fragment sur l’Atlantide*, evidencia seu apreço pelo filósofo inglês.

No oitavo capítulo do *Esboço*, Condorcet afirma que “Bacon revelou o verdadeiro método de estudar a natureza, de empregar os três instrumentos que ela nos deu para penetrar em seus segredos, a observação, a experiência e o cálculo” (CONDORCET, 1993, p. 129). E mesmo que Condorcet, tal como podemos verificar ao longo do texto, não tenha poupado o autor do *Novum Organum* das críticas, o que se pode perceber é que ele retoma suas ideias e, sobretudo no *Fragment sur l’Atlantide*, de inspiração baconiana evidente, se propõe mesmo, tal como nos mostra Souza, “a corrigir e completar, por assim dizer, a utopia de Bacon”. Segundo a autora:

Na utopia baconiana revisitada, ao quadro dos progressos do espírito humano virá se acrescentar o quadro das instituições, dos grupos humanos, dos

¹⁰ JAQUET, Chantal (Org.) *L’héritage baconien au XVIIe et au XVIIIe siècles*. Paris: Éditions Kimé, 2000.

¹¹ Exemplo evidente desta admiração pelo filósofo inglês é o que podemos ler no *Discurso preliminar* da *Encyclopédie*, escrito por Diderot e D’Alembert, que citamos agora: “À frente desses desses ilustres personagens [que preparavam o esclarecimento dos povos) deve ser colocado o imortal chanceler da Inglaterra, Francis Bacon, cujas obras, tão justamente estimadas e mais estimadas, contudo, do que conhecidas, merecem ainda mais nossa leitura do que nossos elogios. Considerando as ideias sãs e extensas desse grande homem, o enorme número de assuntos a que seu espírito se entregou, a ousadia de seu estilo que reúne em toda a parte as mais sublimes imagens à mais rigorosa precisão, estaríamos tentados a considerá-lo como o maior, o mais universal e o mais eloquente dos filósofos. (...) Ciência da natureza, moral, política, economia, tudo parece ter sido da alçada desse espírito luminoso e profundo” (DIDEROT, 2009, p. 135-136, Grifo e tradução nossas).

progressos técnicos, das transformações sociais e políticas como condições para a criação da sociedade igualitária do futuro, anunciada na décima época do *Esquisse* (SOUZA, 2001, p. 39).

Condorcet, foi o que podemos chamar de um filósofo engajado nas questões mais cruciais de seu tempo, e, infelizmente para nós, dado que estas não foram adequadamente resolvidas, também do nosso. O filósofo matemático, lutou pela melhoria da educação, focando suas preocupações em uma instrução universal, pública, laica, onde homens e mulheres tivessem o mesmo acesso ao saber. Lutou ainda pela consolidação dos direitos do homem e do cidadão, pela abolição da escravidão e pela redução das desigualdades, sejam aquelas existentes no corpo de uma mesma nação, sejam aquelas que imperam no âmbito internacional.

Condorcet lutou sobretudo pelo caráter transformador e libertador que o conhecimento e a ciência devem possuir. Aqui, podemos mais uma vez perceber a sua dívida para o chanceler inglês. “Condorcet encontra na *Nova Atlântida* de Bacon uma questão que sempre o preocupou, a da organização do saber e do trabalho científico e sua relação com a organização da sociedade” (SOUZA, 2001, p. 41).

O que se pode verificar, tal como aludimos anteriormente, é que Condorcet, não segue simplesmente Bacon, mas num movimento de crítica e aperfeiçoamento, torna seu pensamento ainda mais democrático e revolucionário que o de seu predecessor. E aqui, peço licença para mais uma vez citar Maria das Graças (2001, p. 42) quando esta afirma: “Não há em Condorcet a ideia baconiana de uma supremacia da atividade científica do ponto de vista da organização da sociedade. O bem-estar dos cidadãos depende também de decisões políticas. A “boa” ciência é republicana”.

Se podemos perceber em Bacon, os resquícios de uma aristocracia do saber, expressa ainda em moldes platônicos; o que vemos em Condorcet é um esforço de promover o desenvolvimento científico de forma republicana, na qual o conhecimento não entranha consigo uma visão elitista da ciência, que poderia abalar as bases democráticas, no momento em que os cientistas especialistas, distanciados do vulgo, regeriam a política e a sociedade. Mesmo porquê, Condorcet se esmera em propor uma ampla reforma educacional que permita que a população seja instruída e não permaneça na dependência de alguns poucos esclarecidos. Tal como ele evidencia já na primeira

página das *Cinco memórias sobre a instrução pública*: “A instrução pública é um dever da sociedade para com os cidadãos” (CONDORCET, 2008, p. 17).

Tal como ressalta Alain Pons na *Introduction* do *Esquisse* et do *Fragment sur l’Atlantide*:

A ‘sociedade perpétua para o progresso das ciências’ a qual, na sequência de Bacon, ele projeta a organização, trabalhará em uma independência absoluta em relação ao poder público, para melhorar a condição dos homens, mas restará em última análise, submissa ao poder legislativo, que exprime a vontade popular e tem por função fazer respeitar os direitos dos homens, e, mais amplamente, a opinião pública. O papel dos sábios é de ajudar à formar e esclarecer a opinião pública, e em momento algum o de substituí-la (PONS, 1988, p. 61-62; nossa tradução).

No *Fragment sur l’Atlantide*, Condorcet, na esteira das propostas apresentadas por Bacon em *A nova Atlântida*, reforça a ideia segundo a qual a ciência deve fornecer os meios para o aperfeiçoamento da espécie humana e para a redução das calamidades que nascidas em um dos rincões do globo, se espalham e infectam toda sua superfície, graças à ampliação das comunicações e intercâmbios que tanto contribuíram para nossa humanidade, mas que nos fazem pagar caro por nossas negligências para com parcelas substantivas da população humana. Tais alertas mostram-se cada vez mais necessários, sobretudo em um mundo no qual, para o lucro de um comércio injusto e desigual, contentamo-nos com o patenteamento dos frutos mais práticos da ciência que são disponibilizados para aqueles que podem pagar um alto preço por eles, e com o completo abandono de parcelas cada vez maiores da humanidade que permanecem alijadas de todo progresso científico e tecnológico disponibilizado ao longo da história. O que se evidencia hoje é que a ampliação do conhecimento não desencadeia necessariamente o progresso das condições de vida humana, pois para isto seria necessário a redução drástica das desigualdades sociais e políticas.

Tema central do capítulo final do *Eboço*, no qual Condorcet aponta *os Futuros progressos do espírito humano*, a desigualdade é posta como obstáculo ao verdadeiro progresso humano. Vejamos:

Nossas esperanças sobre os destinos futuros da espécie humana podem se reduzir a estas três questões: a destruição da desigualdade entre as nações; os

progressos da igualdade em um mesmo povo; enfim, o aperfeiçoamento real do homem (CONDORCET, 1988, p. 176).

Nosso filósofo, demonstra, já no final do século XVIII a preocupação com os efeitos de nossas ações em relação às gerações futuras, tão em voga nos tempos hodiernos. É o que podemos verificar nesse capítulo do *Esboço*. Vejamos:

(...) os homens saberão então que, se eles têm obrigações para com seres que não existem ainda, elas não consistem em dar-lhes existência, mas a felicidade; elas têm por objetivo o bem-estar geral da espécie humana ou da sociedade na qual eles vivem, da família à qual estão ligados, e não a pueril ideia de sobrecarregar a terra com seres inúteis e infelizes (CONDORCET, 1993, p. 191).

A redução da violência e da exploração de uma nação sobre as demais, tal como propunha Condorcet ao final do *Esboço de um quadro histórico dos progressos humanos* poderia ampliar o gozo coletivo dos frutos do conhecimento e gerar uma vida mais pacífica e justa. Uma vida mais condizente com nossos mais elaborados conceitos de humanidade, de progresso e de justiça social. Contudo, seu inesgotável otimismo, que vislumbrava a possibilidade iminente de uma maior justiça no âmbito das relações internacionais, que seriam pautadas pela ampliação dos benefícios oriundos do conhecimento livre e laico, parecem cada vez mais distantes da prática política e sobretudo econômica, do mundo contemporâneo.

Nesse sentido, comentando acerca da herança do Iluminismo e de sua crítica redigida por Adorno e Horkheimer, Maria das Graças afirma que “A promessa do Iluminismo não se cumpriu, e, mais do que isto, a própria razão, de cuja força se esperava a transformação do mundo, tornou-se ela mesma, instrumentalizada, ferramenta de opressão” (SOUZA, 2001, p. 21).

Para que possamos resgatar a esperança que alimentava o pensamento destes ilustres pensadores que almejavam uma verdadeira transformação social, tendo por base a ampliação e a partilha do conhecimento, é preciso combater firmemente em prol de um saber público e ativo nas transformações sociais. Isso não apenas como um projeto futuro, tal como imaginava Condorcet. Já que se passaram mais de 200 anos do momento em que ele escreveu, já é tempo de levar à sério toda nossa herança de saberes acumulados.

Bacon, já no começo do século XVII, alertava para a necessidade de investimentos públicos em professores, pesquisadores e instituições públicas para que pudessem se dedicar à produção de conhecimentos que desencadeassem melhorias em nossa vida coletiva, não apenas em um país mas em todo o globo terrestre. Condorcet, quase duzentos anos depois, reforça esta ideia, que mesmo hoje, em uma sociedade como a nossa, chamada de “sociedade do conhecimento”, vê a cada dia mais cortes nestas áreas tão necessárias ao bem estar coletivo. Tais leituras deveriam ser retomadas, sobretudo pela parcela da população que decide acerca de nossas políticas científicas e educacionais; que, ocupada com títulos, honrarias e desvio de recursos públicos, se mantém alheia à tudo que possa representar uma mudança substantiva em nossa vida coletiva.

Os pensamentos filosóficos de Bacon, Condorcet e da própria professora Maria das Graças sempre se mostraram eivados de uma profunda potência transformadora com vistas ao esclarecimento, contrários ao obscurantismo e à privatização exclusivista do saber. Me parece, e esta é uma das lições que penso ter apreendido em seus pensamentos, que em um mundo cada vez mais desigual, onde o próprio conhecimento tornou-se uma arma na mão daqueles que querem oprimir e lucrar com a ignorância alheia, devemos nos posicionar enquanto intelectuais, nas fileiras daqueles que almejam um conhecimento libertador e gerador de mais igualdade e liberdade, para parcelas cada vez maiores da humanidade. Espero viver num país e num mundo que caminhem rumo à produção de conhecimentos partilhados e à uma política laica e respeitadora das diferenças. Uma política que sirva de base para uma vida verdadeiramente republicana, que respeite os direitos dos vários grupos que integram nossas sociedades, com vistas à uma fruição mais intensa dos benefícios produzidos por um conhecimento partilhado e respeitoso; inclusive para com aqueles seres que não partilham de nossa humanidade.

Referências Bibliográficas

BACON, Francis. **Novum organum** ou Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza; **Nova Atlântida**. Tradução e notas de José Aluysio Reis de Andrade. 2.ed. – São Paulo: Coleção Os Pensadores, Abril Cultural, 1979.

_____, **A sabedoria dos antigos**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BECKER, Evaldo. Ensino de filosofia da ciência e a experiência do PIBIC-Jr da UFS. In: BECKER, E.; BALIEIRO, M; e TOLLE, O. (Orgs.) **Filosofia no Ensino Médio: Filosofia da ciência**. São Cristóvão, 2013.

_____, Natureza X Sociedade: percursos e percalços de nossa trajetória científico-civilizacional. In: SANTOS, Antônio Carlos dos e BECKER, Evaldo (orgs.) **Entre o homem e a natureza: abordagens teórico-metodológicas**. Porto Alegre: Redes Editora, 2012.

CONDILLAC, Etienne Bonnot de. **Essai sur l'origine des connaissances humaines: ouvrage où l'on réduit à un seul principe tout ce qui concerne l'entendement humain**. Paris: Éditions Alive, 1998.

CONDORCET, Jean-Antonio-Nicolas de Caritat. **Cinco memórias sobre a instrução pública**. Tradução e apresentação de Maria das Graças de Souza. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

_____, **Esboço de um quadro histórico dos progressos do espírito humano**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

_____, Fragment sur l'Atlantide. In: **Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain; suivi de Fragment sur l'Atlantide**. Introduction, chronologie et bibliographie par Alain Pons. Paris: Garnier Flammarion, 1988.

DE FONTENAY, Elisabeth. L'Esprit et la main: de Diderot a Bacon, quelle dette? In: **L'héritage baconien au XVIIe et au XVIIIe siècles**. Sous la direction de Chantal Jaquet. Paris: Éditions Kimé, 2000.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso: ou o progresso como ideologia**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HORA, José Sandro Santos. **A 'Natureza' em bacon e a recepção da sua filosofia nas discussões ambientais**. Porto Alegre: Redes Editora: 2015.

JAQUET, Chantal (Org.) **L'héritage baconien au XVIIe et au XVIIIe siècles**. Paris: Éditions Kimé, 2000.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Tradução de Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC – Rio, 2006.

MENNA, Sergio Hugo. **Máquinas, gênios e homens na construção do conhecimento: uma interpretação heurística do método indutivo de Francis**

Bacon. Campinas, 2011. (Tese de doutorado pela UNICAMP) Disponível em <http://pct.capes.gov.br/teses/2011/33003017066P7/TES.PDF>. Acesso em out. de 2015.

PONS, Alain. Introduction. In: **Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain; suivi de Fragment sur l'Atlantide.** Paris : Garnier Flammarion, 1988.

ROSSI, Paolo. **A ciência e a filosofia dos modernos:** aspectos da revolução científica. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

ROSSI, Paulo. **Francis Bacon: da magia à ciência.** Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. Londrina: Edel, Curitiba: Editora Da UFPR, 2006.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Discurso sobre as ciências e as artes.** Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, (Os Pensadores), 1997.

SOUZA, Maria das Graças de. A filosofia da natureza em Bacon: A herança democritiana. In: SANTOS, A. C. dos (Org.). **Filosofia & Natureza: Debates, embates & conexões.** 2º Ed. São Cristóvão: Editora UFS, 2010.

_____, **Ilustração e história: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês.** São Paulo: Discurso Editorial, 2001.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Atlântida: pequena história de um mito platônico.** Tradução de Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

VOLTAIRE. **Cartas Filosóficas.** Tradução de Renata Maria Parreira Cordeiro. São Paulo: Landy Editora, 2001.